

Confronto no segundo turno

por Célia Roseblum
de São Paulo

A disputa entre Fernando Collor de Mello, do PRN, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, no segundo turno da eleição para a Presidência da República deverá mobilizar vários setores da sociedade. "Há um confronto real e ideológico. São dois pólos. Não dá para ter muro, os setores da sociedade vão ter que se engajar", analisa a professora de Ciência Política Maria Victória Benevides, da Universidade de São Paulo (USP).

Os resultados das urnas — com o candidato do PDT, Leonel Brizola, disputando voto a voto a segunda colo-

cação com Lula — evidenciam, na análise da socióloga, "uma carga muito presente de politização". Ao contrário da tradição brasileira em eleições para cargos majoritários, "onde ainda predomina uma identificação com as qualidades pessoais", Maria Victória Benevides vê nas opções do eleitorado diferentes conteúdos de politização.

Collor de Mello cristalizou com sua campanha uma politização que, segundo a socióloga, é mais primária. Utilizou símbolos que arregimentaram votos de pessoas que protestam contra a situação

atual, optando por alguém que repudia o governo Sarney, os "marajás" e a corrupção. Já Brizola e Lula foram responsáveis por uma politização mais "sofisticada", diz Maria Victória. Colocaram em debate, por exemplo, conceitos como privatização e estatização. "No segundo turno, os discursos serão parecidos", diz Fernando Cotrim, ligado ao Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). "Necessariamente, Collor se aproximará da esquerda e Lula tentará descarregar o radicalismo", concorda Benevides. Mas os dois consideram que as alian-

ças e o passado político dos dois candidatos serão referências importantes para a diferenciação ideológica.

Para o cientista político Marcus Faria Figueiredo, do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos e Políticos de São Paulo (Idesp), as alianças para o segundo turno "não garantem a transferência de votos". Ele considera que os partidos tiveram pouca influência sobre o eleitorado e que, com exceção de Brizola, "que tem um eleitorado muito sedimentado e fiel no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro", os políticos "não têm controle sobre o eleitorado".